

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL**  
**FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO – FAALC**  
**ARTES VISUAIS - BACHARELADO**

**BEATRIZ CABRAL ULLE LIMA JULIO**

**ARTE E COTIDIANO: um estudo sobre o registro visual do ordinário  
em obras de artistas contemporâneos brasileiros.**

Campo Grande – MS  
2024

**BEATRIZ CABRAL ULLE LIMA JULIO**

**ARTE E COTIDIANO: um estudo sobre o registro visual do ordinário  
em obras de artistas contemporâneos brasileiros.**

Relatório Final do Trabalho de Conclusão de Curso,  
da graduação em Artes Visuais da Faculdade de  
Artes, Letras e Comunicação da Universidade  
Federal de Mato Grosso do Sul, apresentado à  
Banca de Avaliação, como requisito parcial para  
obtenção do título de Bacharela em Artes Visuais.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Duailibi Maldonado

Campo Grande – MS  
2024

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, Andréa e Márcio, pelo apoio incondicional na minha jornada na faculdade de artes e em todos os momentos da minha vida. Às minhas irmãs, Larissa, Mayara e Brenda, agradeço a companhia e distração nos momentos difíceis, sempre me oferecendo seu carinho e apoio.

Ao meu namorado, Lucas, gostaria de agradecer o tempo dedicado e pelos equipamentos disponibilizados para a realização do meu trabalho, além de estar ao meu lado em cada dificuldade e cada vitória.

Às minhas amigas Sophia, Emilly, Luísa e Sarah, pelas risadas, conselhos, e principalmente pela companhia. Agradeço por dividirem comigo as alegrias e angústias dessa jornada acadêmica.

Ao meu orientador, Rafael Maldonado, pela paciência e orientação, que foram essenciais para a construção deste trabalho.

Por fim, meu agradecimento a todos que, de alguma forma, contribuíram para que eu pudesse chegar até aqui.

## RESUMO

Esse estudo apresenta uma análise sobre a representação do cotidiano na arte contemporânea brasileira, buscando compreender como o registro de cenas e experiências cotidianas amplia a percepção das vivências humanas. O objetivo central foi investigar como artistas indicados ao Prêmio PIPA, entre 2020 e 2024, representam o cotidiano em suas obras, explorando os diálogos estabelecidos com temas como identidade, memória e sociedade. A metodologia combinou pesquisa bibliográfica e análise documental, incluindo a consulta aos catálogos do Prêmio PIPA e o desenvolvimento de uma experimentação prática na linguagem da gravura em metal. O resultado da investigação confirmou a valorização do comum, do ordinário nas obras analisadas, destacando sua relevância como recurso estético e social na arte contemporânea. O estudo reforça a importância da representação do cotidiano como ferramenta artística para abordar questões relacionadas à identidade, memória e sociedade, podendo contribuir para futuras pesquisas sobre o tema.

**Palavras-chave:** Cotidiano na Arte; Arte Contemporânea Brasileira; Prêmio PIPA; Representação do Cotidiano na Gravura.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Arquiteturas cambiantes, Cecília Lima, 2019, Instalação com restos de construção, tela de proteção e parafina, dimensões variáveis. ....	15
<b>Figura 2</b> - Ana Sario; Série “Polaroid”, 2018, óleo sobre madeira, 10,5 x 10,5 cm. ....	17
<b>Figura 3</b> - Gê Viana, 2021; Da série “Paridade”; Fotomontagem impressa em papel jornal. Primeira camada: Mantinha Marques em Urbano Santos, Maranhão, fotografada por Gê Viana. Segunda camada: Koon-za-ya-me, Female War Eagle, de George Catlin (1844); 180x120 cm. ....	18
<b>Figura 4</b> - Renata Felinto; Série “Embalando Mateus ao som de um hardcore”, 2017, composições e colagens feitas sobre notas fiscais e recibos de gastos com duas crianças durante 2016, “Francisca”, 21 x 27 cm. ....	20
<b>Figura 5</b> - Renata Felinto; Série “Embalando Mateus ao som de um hardcore”, 2020, instalação, composições e colagem em contas e recibos de gastos com crianças durante 2016. Registro de Carolina Lauriano. ....	21
<b>Figura 6</b> - Gabriela Sacchetto; sem título, 2011, lixa, água-tinta e ponta-seca, 19 x 24 cm. ....	23
<b>Figura 7</b> - Kika Diniz; “Você vai conseguir tudo o que deseja, mas não do jeito que você quer”, 2021, acrílica sobre tela, 15 x 10 cm. ....	24
<b>Figura 8</b> - Rubiane Maia; “Minha Bateria está Fraca e está ficando Tarde”, 2020, documentário experimental, duração de 27 minutos, still de vídeo. Trabalho realizado em colaboração com Tom Nóbrega. ....	26
<b>Figura 9</b> - Marcio Marianno; “100% Algodão”, tríptico, 2017, óleo sobre tela, 30 x 20 cm cada. ....	27
<b>Figura 10</b> - Oswaldo Goeldi; Chuva, 1957, xilogravura, 24 x 31 cm. ....	30
<b>Figura 11</b> - Rafael Kenji; Mariposa de Ulysses, 2014, gravura em metal (água-forte, ponta seca e buril), 7,5 x 10 cm. ....	31
<b>Figura 12</b> - Beatriz Julio; “Ônibus”, 2023, gravura em metal (água-forte), 15 x 10 cm. ....	33
<b>Figura 13</b> - Beatriz Julio; “Companhia”, 2023, gravura em metal (água-forte e água-tinta), 10 x 15 cm. ....	35
<b>Figura 14</b> - Beatriz Julio; “Apoio”, 2023, gravura em metal (água-forte e água-tinta), 15 x 10 cm. ....	36
<b>Figura 15</b> - Matriz de cobre com verniz para a técnica de água-forte. ....	37
<b>Figura 16</b> - Processo de aplicação de goma laca, na placa de cobre, para a técnica de água-tinta. ....	38
<b>Figura 17</b> - Fotografia produzida para referência da gravura “segunda-feira”. ....	39
<b>Figura 18</b> - Beatriz Julio; “segunda-feira”, 2024, gravura em metal (água-forte e água-tinta), 20 x 15 cm. ....	39
<b>Figura 19</b> - Fotografia produzida para referência da gravura “terça-feira”. ....	40
<b>Figura 20</b> - Beatriz Julio; “terça-feira”, 2024, gravura em metal (água-forte e água-tinta), 20 x 15 cm. ....	41
<b>Figura 21</b> - Fotografia produzida para referência da gravura “quarta-feira”. ....	42
<b>Figura 22</b> - Beatriz Julio; “quarta-feira”, 2024, gravura em metal (água-forte e água-tinta), 20 x 15 cm. ....	42
<b>Figura 23</b> - Fotografia produzida para referência da gravura “quinta-feira”. ....	43
<b>Figura 24</b> - Beatriz Julio; “quinta-feira”, 2024, gravura em metal (água-forte e água-tinta), 20 x 15 cm. ....	44
<b>Figura 25</b> - Foto de referência para a gravura “sexta-feira”. ....	45

**Figura 26** - Beatriz Julio; “sexta-feira”, 2024, gravura em metal (água-forte e água-tinta), 20 x 15 cm. .... 46

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>1 REPRESENTAÇÕES DO COTIDIANO NA ARTE CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA: REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADE, MEMÓRIA E SOCIEDADE ...</b>	<b>12</b>
1.1 Arte, cotidiano e sociedade: recorrências na produção artística selecionada no prêmio pipa.....	12
<b>2 PERSPECTIVAS COTIDIANAS: A GRAVURA NO CONTEXTO DA PRODUÇÃO CONTEMPORÂNEA.....</b>	<b>30</b>
2.1 A gravura na arte brasileira .....	30
2.2 O processo de desenvolvimento artístico.....	33
2.3 Série perspectivas cotidianas.....	37
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>48</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>50</b>

## INTRODUÇÃO

A observação e o registro visual do cotidiano tem sido uma característica marcante da produção artística contemporânea. Por meio de uma diversidade de estilos e mídias, como pintura, fotografia, instalação entre outras, os artistas retratam aspectos do dia a dia que, à primeira vista, podem parecer triviais, mas revelam complexidades visuais e conceituais.

Essa escolha recorrente de representar o cotidiano nas obras levanta questões sobre a natureza da arte e sua relação com o que é considerado ordinário, proporcionando uma compreensão das experiências humanas e das dinâmicas sociais que moldam a cultura contemporânea. Assim, torna-se evidente o impacto relevante da arte na percepção acerca da conexão entre expressão artística e sociedade.

Nesse sentido, essa pesquisa buscou investigar a seguinte questão: como a representação do cotidiano na arte contemporânea brasileira se relaciona com temas de identidade, memória e sociedade, uma vez que a produção artística reflete e problematiza frequentemente a experiência vivida e as dinâmicas sociais?

Embora a arte tenha historicamente sido alimentada do cotidiano, surgem questões sobre como essas representações podem desafiar as percepções tradicionais da arte e ampliar a compreensão do que é considerado comum. Assim, focou-se em compreender de que maneira os artistas utilizam suas obras para dialogar com a complexidade das experiências cotidianas, buscando estabelecer conexão com suas realidades sociais.

A hipótese de resposta a essa questão foi que artistas utilizam da representação do cotidiano como uma estratégia para estabelecer análises sobre a visualidade dos elementos no seu entorno, promovendo reflexões sobre as experiências humanas e as dinâmicas sociais. Ao retratar cenas do dia a dia, esses artistas não apenas documentam realidades comuns, mas também questionam e reinterpretam narrativas sociais, revelando complexidades e nuances que muitas vezes são ignoradas.

Desse modo, a escolha de investigar a representação do cotidiano na arte contemporânea brasileira justifica-se por diversos fatores que revelam a importância deste tema no cenário artístico atual. A arte sempre desempenhou um papel fundamental na reflexão e na construção de identidades culturais e sociais. Ao

buscarem retratar o cotidiano, os artistas têm a oportunidade de explorar questões que permeiam a experiência humana, permitindo uma leitura crítica de aspectos que, muitas vezes, passam despercebidos na rotina diária.

Essa proposta de investigação também se justifica pela necessidade de explorar as novas linguagens e técnicas que os artistas têm utilizado para abordar o cotidiano, especialmente em um contexto de constante transformação social e tecnológica.

No contexto da produção artística brasileira, o Prêmio PIPA, ao apresentar artistas que se destacam na contemporaneidade, oferece um campo fértil para a análise dessas inovações e para a reflexão sobre como a arte pode atuar como um agente de crítica e transformação.

O objetivo geral do estudo foi investigar como artistas contemporâneos brasileiros representam o cotidiano em suas obras, identificando as formas pelas quais esses trabalhos dialogam com temas de identidade, memória e sociedade. Historicamente, a arte sempre encontrou inspiração no cotidiano, desde as pinturas de gênero dos séculos passados até as manifestações contemporâneas.

Para estabelecer essas análises, a pesquisa fundamentou-se em um referencial teórico diversificado, que abrange conceitos centrais sobre a representação do cotidiano na arte contemporânea, identidade, memória e práticas culturais. Certeau (2014) trouxe contribuições na perspectiva crítica sobre as práticas cotidianas, destacando como essas experiências moldam as narrativas e os significados na sociedade.

O estudo considerou também as contribuições de teóricos sobre arte e arte brasileira que discutem a produção contemporânea, como Danto (2006) e Canton (2009), trazendo uma visão contextualizada das práticas. Por meio desse referencial teórico, a pesquisa visou articular análises que possibilitassem uma compreensão abrangente das representações do cotidiano na arte, bem como de suas implicações sociais e culturais.

Na produção artística contemporânea brasileira, caracterizada por constante experimentação e diversidade, o registro visual do cotidiano reflete novas possibilidades, diálogos culturais e interpretações que enriquecem nossa percepção do familiar.

Para analisar essas representações, a presente pesquisa adotou uma metodologia combinando pesquisa bibliográfica e documental para a coleta, seleção

e análise de dados. Foram consultadas obras e estudos de autores brasileiros e estrangeiros que exploram o tema do cotidiano e suas relações na arte contemporânea. Esse trabalho contou com o apoio de tecnologias de Inteligência Artificial (IA) para refinamento e organização do texto, no sentido de revisão e correção afim de contribuir na clareza, coerência e precisão dos argumentos. Essa integração tecnológica otimizou o processo de elaboração, melhorando a qualidade final do trabalho.

Ilustrando as análises propostas, foram selecionados alguns artistas participantes do Prêmio PIPA, dada a relevância do prêmio como espaço de experimentação e visibilidade na cena artística brasileira atual. Criado em 2010, o Prêmio PIPA destaca artistas que se envolvem com o mercado da arte e exploram uma ampla gama de estilos, técnicas e abordagens, evidenciando as maneiras pelas quais os artistas refletem e problematizam o cotidiano em suas criações.

No âmbito artístico prático, a pesquisa apresenta o desenvolvimento de uma série de gravuras em metal, criada a partir de fotografias de cenas cotidianas registradas pela autora deste estudo. Combinando as técnicas de água-forte e água-tinta, esse processo experimental buscou explorar, através da linguagem gráfica, as potencialidades expressivas do cotidiano na arte.

Ao integrar teoria e prática, o estudo permitiu uma análise ampla e crítica das questões levantadas, contribuindo para uma visão mais clara sobre a representação do dia a dia no contexto artístico.

A estrutura deste trabalho foi organizada em dois capítulos. O primeiro, REPRESENTAÇÕES DO COTIDIANO NA ARTE CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA: REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADE, MEMÓRIA E SOCIEDADE, avalia a presença do cotidiano nas obras de artistas brasileiros, destacando a importância dessas representações na construção de narrativas culturais e sociais.

O segundo capítulo, PERSPECTIVAS COTIDIANAS: A GRAVURA NO CONTEXTO DA PRODUÇÃO CONTEMPORÂNEA, apresenta o processo de desenvolvimento de uma série de gravuras em metal intitulada "Perspectivas Cotidianas", detalhando as etapas que vão desde a captura das cenas cotidianas até a finalização dos trabalhos.

Por fim, a pesquisa buscou contribuir para a formação de um entendimento sobre a produção artística contemporânea no Brasil, ressaltando a relevância das representações do cotidiano na formação de uma cultura visual crítica e consciente.

Espera-se que este estudo possa contribuir para futuras pesquisas sobre o tema, promovendo uma reflexão sobre as dinâmicas sociais que moldam a vida contemporânea, reforçando a importância da arte como uma ferramenta de sensibilização e diálogo.

# 1 REPRESENTAÇÕES DO COTIDIANO NA ARTE CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA: REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADE, MEMÓRIA E SOCIEDADE

A arte contemporânea brasileira tem se destacado pela capacidade de captar e reinterpretar o cotidiano, revelando aspectos significativos da sociedade e promovendo discussões sobre temas como etnia, gênero e política.

A representação do cotidiano na arte oferece uma rica plataforma para a discussão sobre memória e identidade, pois reflete as vivências individuais e coletivas, contribuindo para a formação de um sentido de pertencimento.

Este capítulo busca examinar as maneiras pelas quais os artistas brasileiros traduzem elementos cotidianos em suas obras, enfatizando como tais representações se tornam poderosos instrumentos de construção de narrativas culturais e sociais.

Como parte desta análise, foram consultados os catálogos do Prêmio PIPA dos anos de 2020 a 2023 — período coincidente com a formação da autora deste trabalho, na graduação em Artes Visuais da UFMS — para selecionar artistas cujas obras oferecem uma diversidade de abordagens sobre o cotidiano.

## 1.1 ARTE, COTIDIANO E SOCIEDADE: RECORRÊNCIAS NA PRODUÇÃO ARTÍSTICA SELECIONADA NO PRÊMIO PIPA

Na segunda metade do século XX, a transição da arte moderna para a contemporânea foi impulsionada por transformações sociais, políticas e tecnológicas que expandiram as possibilidades de expressão.

Movimentos como o expressionismo abstrato, o minimalismo e a arte conceitual introduziram uma ruptura com métodos tradicionais e, no contexto brasileiro, a arte contemporânea tomou um caminho próprio ao abordar as questões locais.

Conforme analisa Danto (2006), a arte contemporânea se destaca por sua capacidade de integrar o passado sem a necessidade de rejeitá-lo, abrindo-se a uma pluralidade de referências históricas e culturais que enriquecem sua produção.

A arte contemporânea, em contrapartida, nada tem contra a arte do passado, nenhum sentimento de que o passado seja algo de que é preciso se libertar e mesmo nenhum sentimento de que tudo seja completamente diferente, como em geral a arte da arte moderna. É parte do que define a arte contemporânea que a arte do passado

esteja disponível para qualquer uso que os artistas queiram lhe dar (Danto, 2006, p. 7).

Essa postura permite aos artistas o uso de tradições e estilos consagrados, transformando-os em novos discursos que dialogam com o presente. Diferente da arte moderna, que muitas vezes estabelece rupturas de identidade com o passado para buscar uma única e original, a arte contemporânea adota o passado como parte integrante de sua estrutura, utilizando-o de maneira híbrida para reinterpretar temas universais e atuais.

Esse entendimento oferece uma visão ampla sobre como a arte pode simultaneamente preservar e inovar, buscando referências que ampliam seu significado e profundidade.

No caso do Brasil, essa relação com o passado e com as tradições se traduz na mescla entre influências estrangeiras e elementos culturais locais, processo que teve um marco importante, por exemplo, nas manifestações da Semana de Arte Moderna de 1922.

Esse movimento estimulou os artistas a explorarem aspectos da identidade nacional, como as particularidades culturais e as desigualdades sociais, resultando em uma linguagem artística autêntica e diferenciada.

Com essa base, a arte brasileira contemporânea continua a reverenciar e reinventar o passado, abordando temas locais e globais com uma perspectiva crítica e transformadora. Dessa forma, ao unir tradição e inovação, os artistas brasileiros contemporâneos desenvolvem uma prática que reflete a complexidade cultural do país e a capacidade da arte de transformar o familiar em novas formas de expressão e entendimento.

Essa relação com o passado e as raízes culturais continuam relevantes no cenário contemporâneo, onde temas como raça e gênero são investigados com profundidade, revelando as pluralidades da sociedade brasileira atual.

A produção artística contemporânea no Brasil serve como um “espelho da sociedade” (Zagonel, 2008, p. 37), capturando suas complexidades, contradições e aspirações. Nesse sentido, os artistas utilizam o cotidiano para expor questões sociais que vão além das representações estéticas, possibilitando interpretações que revelam aspectos profundos da cultura nacional.

A intersecção entre arte e vida cotidiana, como observa Lukács (1974), aponta para o papel da arte como um meio de transcender as fragmentações da realidade e

enriquecer nossa compreensão do mundo. Este pensamento conecta-se à visão de Backes e Oliveira (2018), que enfatizam a arte como ferramenta crítica e transformadora, incentivando a reflexão sobre o contexto social e as relações humanas.

Ver-se e ver o outro na sua forma de estar no mundo, conhecer mais o contexto em que se está inserido [...] é perceber-se parte de um todo que se mostra ora mais tenso, ora mais propenso ao campo do possível, abrindo possibilidades de compreensão das relações humanas em suas diferenças culturais, por meio da construção de conhecimento, do pensamento e das perspectivas de transformação dos contextos humanos (Backes e Oliveira, 2018, p. 5).

As autoras destacam a importância de uma visão ampla e integradora do ser humano e do mundo em que vivemos. Ao enfatizar a necessidade de se ver e entender tanto a si mesmo quanto o outro em suas diferentes formas de estar no mundo, sublinham a relevância do contexto em que cada indivíduo está inserido. Essa compreensão possibilita perceber-se como parte de um todo dinâmico, que ora se apresenta mais tenso, ora mais aberto a possibilidades.

Além disso, Backes e Oliveira ressaltam que o entendimento das relações humanas, especialmente em suas diferenças culturais, depende da construção de conhecimento e do desenvolvimento do pensamento crítico, sugerindo que, ao ampliar nossa compreensão sobre o mundo e sobre as outras pessoas, podemos contribuir para efetivas transformações sociais.

A produção artística contemporânea no Brasil, especialmente aquela destacada pelo Prêmio PIPA, tem evidenciado artistas que exploram os temas abordados neste estudo, apresentando obras que refletem e questionam aspectos relevantes na construção de identidades culturais e sociais.

Para este estudo, foram selecionados 8 artistas que integraram as edições entre 2020 e 2023, de diferentes regiões do Brasil, como o Distrito Federal, São Paulo, Maranhão, Minas Gerais e Rio de Janeiro, abordando o tema numa diversidade de linguagens, incluindo pintura, performance, instalação, vídeo, gravura e fotomontagem.

Em suas produções, é possível identificar temas que exploram questões identitárias, sociais e culturais, com destaque para as interações entre corpo, espaço e paisagem, além da valorização de narrativas relacionadas à ancestralidade, memória e cotidiano. Esses artistas demonstram uma abordagem plural, conectando

subjetividades e reflexões contemporâneas por meio de práticas que frequentemente se vinculam ao contexto local, ao ambiente natural e às relações humanas.

Nesse contexto, algumas obras selecionadas evidenciam um interesse particular pelas interações entre o indivíduo e o ambiente urbano, explorando o modo como esses espaços são percebidos, ocupados e ressignificados.

A obra "Arquiteturas Cambiantes" (Figura 1), de Cecília Lima (Brasília, DF, 1997), indicada ao Prêmio PIPA em 2020, oferece uma reflexão sobre a relação entre o sujeito e o espaço urbano. Este projeto elaborado pela artista foi desenvolvido durante sua residência artística em Barcelona, em 2019.

A artista relata que o trabalho surgiu da sua caminhada pela cidade, por onde esteve recolhendo restos de telhas e tijolos que encontrava ali diariamente. Após os estudos das possibilidades de relação entre os fragmentos coletados, Cecília construiu peças, arquiteturas conectadas com telas de proteção para construção e parafina.

**Figura 1** - Arquiteturas cambiantes, Cecília Lima, 2019, Instalação com restos de construção, tela de proteção e parafina, dimensões variáveis.



Fonte: Prêmio PIPA 2020, 2020, p. 176 (catálogo digital<sup>1</sup>).

Nesta instalação, a disposição das peças no chão, aparentemente aleatória, remete a um mapa ou uma maquete de uma cidade em constante mutação. Cada

---

<sup>1</sup> Catálogo digital do Prêmio PIPA 2020, disponível em <https://www.premiopipa.com/2021/03/catalogo-premio-pipa-2020-disponivel-para-download/> (acessado em 15 de abril de 2024)

peça, com suas formas únicas e texturas distintas, convida o espectador a imaginar as possíveis histórias e utilidades que esses fragmentos já tiveram.

Ao usar parafina, um material que se derrete e solidifica, a artista enfatiza a ideia de transformação e transitoriedade. Assim, "Arquiteturas Cambiantes" não apenas expõe os resíduos e as ruínas urbanas, mas também questiona o ciclo de construção e destruição inerente às cidades.

A obra é uma meditação visual sobre a forma como os ambientes urbanos evoluem, lembrando-nos da constante mudança e adaptabilidade necessárias para viver em espaços compartilhados. Assim, a artista recupera a história local evidenciando características da arquitetura e da vida urbana cotidiana dos moradores daquela região ao longo dos anos, transformando-os em peças com importância estética e cultural, além de promover a discussão sobre o consumo, descarte, e um comportamento mais consciente e sustentável.

Ainda de maneira subjetiva, interligando cultura visual e aspectos sociais, é possível analisar as representações visuais que permeiam a vida cotidiana. A cultura visual, como campo que examina as interações entre olhar e contexto cultural, fornece uma ferramenta importante para os artistas explorarem o cotidiano.

A expressão cultura visual refere-se a uma diversidade de práticas e interpretações críticas em torno das relações entre as posições subjetivas e as práticas culturais do olhar. (...) do movimento cultural que orienta a reflexão e as práticas relacionadas a maneiras de ver e de visualizar as representações culturais e, em particular, refiro-me às maneiras subjetivas e intersubjetivas de ver o mundo e a si mesmo (Hernández, 2007, p.22).

Segundo Hernández (2007), compreender a cultura visual permite que os artistas interpretem o cotidiano de maneira subjetiva e crítica, promovendo a reflexão sobre as práticas culturais e o impacto dos símbolos visuais nas percepções sociais.

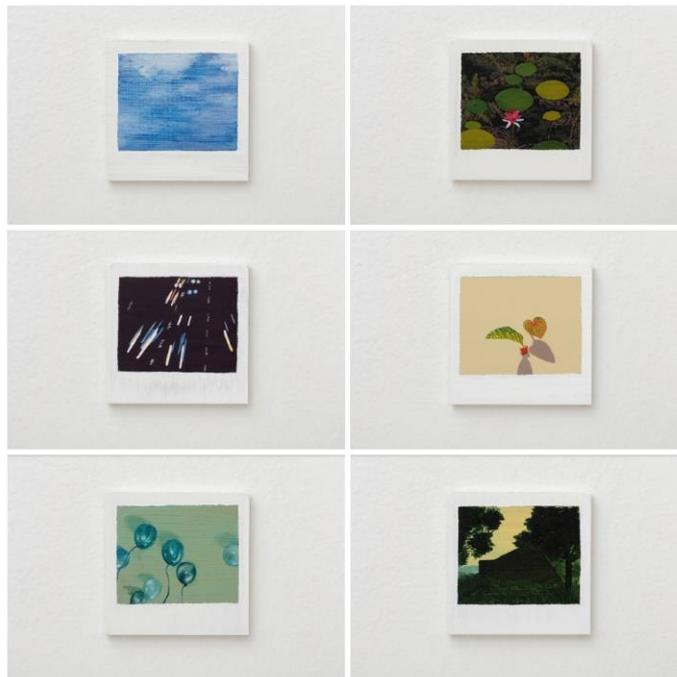
Pontes, Costa e Carneiro (2023) complementam essa visão ao afirmar que a cultura visual nos convida a explorar implicações sociais contidas em imagens do cotidiano. Esse movimento em direção a uma hibridização entre arte e vida cotidiana é característico da produção contemporânea.

Como observa Canton (2009a), a arte contemporânea integra elementos do cotidiano em um diálogo contínuo com a vida social, onde as distinções entre arte e vida se tornam cada vez mais tênues.

A artista Ana Sario (São Paulo, SP, 1984), por exemplo, na série “Polaroid” (Figura 2), reproduz cenas do cotidiano, como o pôr do sol ou paisagens urbanas, em obras que remetem a fotografias instantâneas. Essa série convida o espectador a vivenciar as emoções e sensações evocadas em cada imagem, revelando a beleza dos momentos ordinários.

Nessa perspectiva, a artista busca capturar e transmitir em suas pinturas sensações e emoções causadas por situações de contemplação. No seu trabalho sobressaem simbologias e linguagens por trás da imagem, na tentativa poética de traduzir os sentimentos provocados na observação de um céu multicolorido, no pôr do sol, ou contemplar paisagens urbanas e rurais.

**Figura 2** - Ana Sario; Série “Polaroid”, 2018, óleo sobre madeira, 10,5 x 10,5 cm.



Fonte: Página do artista no site do Prêmio PIPA. Disponível em: <https://www.premiopipa.com/ana-sario/>. Acesso em: 14 mai. 2024.

Sario captura a essência de cenas cotidianas através de instantâneos produzidos por uma câmera polaroid, passando a sensação como se a cena do fotografada fosse feita pelo próprio espectador. Isso sugere uma conexão direta e pessoal com as cenas representadas, evocando a vivência e a experiência cotidianas. A série, portanto, não só retrata momentos comuns, mas também os transforma em algo singular e poético.

Em cada obra, a artista captura um momento ou elemento específico, oferecendo conexões para diferentes experiências e sensações. A variedade de temas e a simplicidade na execução convidam à reflexão sobre a beleza e a importância dos momentos de contemplação na vida, alinhando-se à intenção da artista em materializar as emoções causadas nesses momentos.

Outra artista que explora o cotidiano e a história é Gê Viana (Santa Luzia, MA, 1986), cuja obra "Paridade" (Figura 3) faz uso de fotomontagens para conectar o presente com o passado afro-indígena. Em "Paridade", a fotografia de uma mulher idosa segurando alguns ramos e laranjas é sobreposta por uma imagem de uma liderança indígena.

A ambientação da fotografia, que inclui uma cadeira de plástico e uma parede de tijolos, reforça a representação de um cenário cotidiano e humilde, enquanto elementos naturais como as laranjas conectam a imagem à terra e às tradições culturais. A obra de Gê não apenas honra as memórias afro-indígenas, mas também provoca ao espectador uma reflexão sobre as invisibilidades sociais e a herança cultural subjacente na sociedade brasileira.

Ao tratar sobre memória coletiva e identidade cultural, a artista oferece novas perspectivas tanto sobre a história quanto o presente, convidando o espectador a refletir sobre as complexidades e contradições da sociedade brasileira.

**Figura 3** - Gê Viana, 2021; Da série "Paridade"; Fotomontagem impressa em papel jornal. Primeira camada: Mantinha Marques em Urbano Santos, Maranhão, fotografada por Gê Viana. Segunda camada: Koon-za-ya-me, Female War Eagle, de George Catlin (1844); 180x120 cm.



Fonte: Página da artista no site do Prêmio PIPA. Disponível em: <https://www.premiopipa.com/geviana/>. Acesso em: 6 mai. 2024.

A técnica de fotomontagem utilizada pela artista permite uma fusão simbólica das identidades, enfatizando a continuidade e a presença viva das raízes indígenas na sociedade atual. Ao inserir imagens antigas de lideranças indígenas, a artista não só homenageia esses ancestrais, mas também reivindica a importância de suas contribuições culturais e históricas que, muitas vezes, são marginalizadas ou esquecidas.

Portanto, “Paridade” é uma obra que celebra a identidade afro-indígena promovendo uma reflexão sobre a herança cultural e a resistência das comunidades indígenas ao longo do tempo. A sobreposição de imagens não apenas une visualmente diferentes períodos históricos, mas também ressalta a relevância contínua dessas culturas na construção da identidade contemporânea.

Entretanto, não é apenas de forma subjetiva que o cotidiano se faz presente nas obras. Além de ser explorado como tema, cenas banais da vida cotidiana também são matérias-primas recorrentes, podendo ser registradas enquanto fotografia artística ou até mesmo em pinturas feitas a partir dessas fotografias.

Na arte, objetos e situações comuns passam por um processo de ressignificação, oferecendo diferentes perspectivas para que o espectador repense sua relação com o seu mundo.

A arte contemporânea, surgida no período pós-guerra, distingue-se pela pluralidade de expressões e por uma experimentação constante que aborda as complexidades e contradições do mundo atual.

Enquanto as vanguardas do início do século XX buscavam romper radicalmente com as tradições anteriores, promovendo uma noção de ruptura com o passado, a arte contemporânea se volta para uma intersecção mais contínua e fluida entre os domínios da arte e da vida cotidiana.

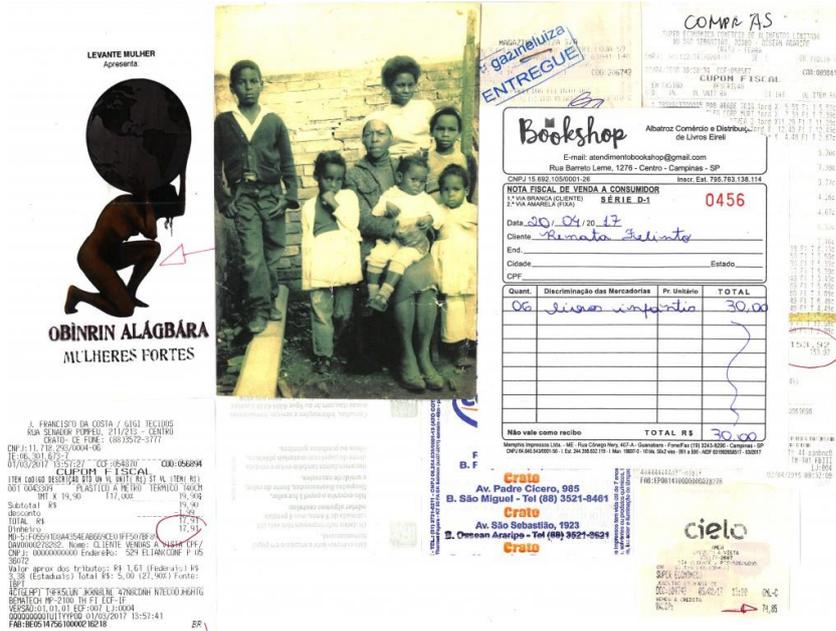
Nesse sentido, Canton (2009a, p. 49) destaca que a arte contemporânea não mais adere ao "novo" como uma necessidade absoluta, mas sim como um processo de negociação entre as fronteiras da arte e da vida. Essa hibridização reflete a busca por uma integração mais ampla dos elementos da vida cotidiana, questionando e reavaliando as realidades sociais, culturais e políticas que moldam o presente.

Assim, a distinção entre arte e vida se torna menos exigente, permitindo que a prática artística se torne um espaço de diálogo contínuo, onde a experiência cotidiana se insere como matéria-prima e inspiração essencial. Para Canton, essa proposta indica um rompimento não apenas com as tradições artísticas passadas, mas também com a noção de que a arte deve se distanciar da vivência cotidiana.

A arte contemporânea, portanto, se configura como um campo flexível, permeável, onde o foco não está apenas na inovação formal, mas na construção de um discurso que revela e reflete sobre o cotidiano, promovendo uma integração que faz da arte uma extensão direta da experiência humana no mundo atual.

A artista Renata Felinto (São Paulo, SP, 1978), outro exemplo na abordagem da questão de intersecção entre vida e arte, no trabalho intitulado "Embalando Mateus ao Som de um Hardcore" (Figuras 4 e 5), utiliza materiais do cotidiano em suas colagens, como notas fiscais, comprovantes bancários, recibos de compras, fotografias entre outros.

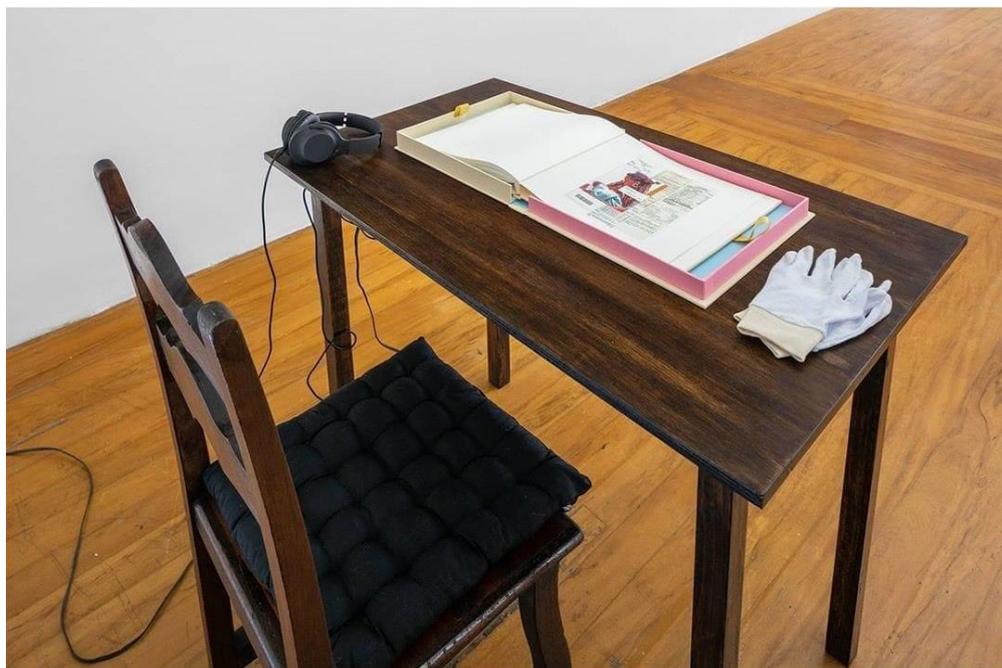
**Figura 4** - Renata Felinto; Série "Embalando Mateus ao som de um hardcore", 2017, composições e colagens feitas sobre notas fiscais e recibos de gastos com duas crianças durante 2016, "Francisca", 21 x 27 cm.



Fonte: Página do artista no site do Prêmio PIPA. Disponível em: <https://www.premiopipa.com/renata-felinto/>. Acesso em: 27 mai. 2024.

Este trabalho culmina em uma instalação que também inclui áudios de conversas no WhatsApp, onde a artista compartilha as dificuldades de ser mãe solo. A obra não apenas destaca a luta diária e os desafios enfrentados, mas também conecta essas experiências íntimas com o ditado popular “Quem pariu Mateus que o embale”, ampliando sua ressonância cultural e social. A frase sugere que a responsabilidade de cuidar de uma criança recai inteiramente sobre quem a trouxe ao mundo, refletindo a realidade vivida por muitas mães solo.

**Figura 5** - Renata Felinto; Série “Embalando Mateus ao som de um hardcore”, 2020, instalação, composições e colagem em contas e recibos de gastos com crianças durante 2016. Registro de Carolina Lauriano.



Fonte: Página do artista no site do Prêmio PIPA. Disponível em: <https://www.premiopipa.com/renata-felinto/>. Acesso em: 27 mai. 2024.

A seleção de materiais comuns, muitas vezes descartáveis, como recibos e notas fiscais, dá uma nova vida e sentido a esses objetos, transformando-os em representações das responsabilidades e desafios do cotidiano. A incorporação de fotos pessoais realça a proximidade e autenticidade da obra, proporcionando ao observador uma perspectiva íntima da vida da artista.

Além de relatar a experiência da artista, a instalação estabelece uma ligação entre essas experiências e uma realidade coletiva, criando um senso de comunidade e compreensão mútua. Nesse sentido, é estimulada uma reflexão crítica sobre a falta de suporte social e financeiro para essas mulheres, atuando como um chamado à ação para melhor apoio e políticas públicas que respondam às suas necessidades.

Assim, a obra entrelaça arte e vida cotidiana, utilizando materiais comuns para criar uma narrativa visual poderosa, onde Renata Felinto documenta sua própria experiência enquanto faz uma declaração cultural e social sobre as dificuldades e a resiliência das mães solo.

Outra artista selecionada no Prêmio PIPA, Gabriela Sacchetto (São Paulo, SP, 1988), partindo do desenho de observação, elabora suas gravuras (Figura 6) como ferramentas para documentar a vida diária, preservando histórias, momentos e explorando detalhes que muitas vezes passam despercebidos.

**Figura 6** - Gabriela Sacchetto; sem título, 2011, lixa, água-tinta e ponta-seca, 19 x 24 cm.



Fonte: Página do artista no site do Prêmio PIPA. Disponível em: <https://www.premiopipa.com/gabriela-sacchetto/>. Acesso em: 9 jul. 2024.

Neste trabalho em específico, é possível observar a fachada de um estabelecimento, possivelmente um bar ou café, com uma visão da parte interior. A escolha de retratar um local aparentemente comum destaca o interesse da artista pela vida cotidiana. As cadeiras altas e o balcão sugerem um ambiente de encontros, conversas e troca de experiências.

A técnica de desenho de observação permite que Gabriela explore minuciosamente os detalhes da cena, desde a textura das superfícies até a luz do ambiente. Ao optar por tons monocromáticos, enfatiza as formas e sombras, conferindo uma atemporalidade à cena. A ausência de pessoas na imagem cria um espaço de contemplação, onde o espectador é convidado a preencher o vazio com suas próprias memórias e experiências de locais semelhantes.

A gravura de Gabriela Sacchetto (Figura 6) ilustra como a arte contemporânea transcende as fronteiras tradicionais, integrando-se profundamente com o cotidiano. Neste sentido, pode-se entender que "hoje a arte faz por si só essa aproximação, misturando cada vez mais questões artísticas, estéticas e conceituais aos meandros do cotidiano" (Canton, 2009b, p. 9).

Segundo a autora, a arte acaba permeando a vida diária, o que confere aos artistas contemporâneos uma maior liberdade de criação. Nessa perspectiva de análise, Frederico (2000) também estabelece relação entre arte, ciência e cotidiano.

A vida cotidiana é o ponto de partida e o ponto de chegada: é dela que provém a necessidade de o homem objetivar-se, ir além de seus limites habituais; e é para a vida cotidiana que retornam os produtos de suas objetivações. Com isso, a vida social dos homens é permanentemente enriquecida com as aquisições advindas das conquistas da arte e da ciência (Frederico, 2000).

O autor reforça a importância da vida cotidiana e de seu comportamento cíclico, que gera inspiração para a arte, trazendo resultados que agregam e transformam a realidade, para, mais uma vez, servir de incentivo para novas criações.

No trabalho de Kika Diniz (Rio de Janeiro, RJ, 1990) (Figura 7), as pinturas são baseadas em vídeos que chegam até ela através de algoritmos da rede social “TikTok”, presente tanto no cotidiano da artista como no cotidiano da sociedade em geral. Assim, as experiências do dia a dia são reimaginadas através da arte, possibilitando novas perspectivas e interpretações visuais da vida diária.

**Figura 7** - Kika Diniz; “Você vai conseguir tudo o que deseja, mas não do jeito que você quer”, 2021, acrílica sobre tela, 15 x 10 cm.



Fonte: Página do artista no site do Prêmio PIPA. Disponível em: <https://www.premiopipa.com/kika-diniz/>. Acesso em: 10 jul. 2024.

As telas são preparadas com gesso preto e laca brilhante, criando uma superfície escura e reflexiva que simboliza as telas desligadas dos dispositivos digitais onde os vídeos são reproduzidos. As pinceladas visíveis e instáveis permitem que o fundo preto seja parcialmente visível, reforçando a ideia do “black mirror”. Dentre as imagens, retratos, momentos do dia a dia, animais, receitas e paisagens compartilhadas são escolhidas e transformadas pela artista.

Por consequência, o resultado é consideravelmente diferente do frame original escolhido por Kika, que utiliza uma abordagem subjetiva no processo pictórico que vai além de uma simples reprodução de imagem. No entanto, os nomes das obras são diretamente relacionados aos vídeos e fotos originais, mantendo uma conexão entre a origem e o desfecho.

O processo de apropriação de imagens é uma característica marcante da arte contemporânea, representando sua multiplicidade, como observado por Danto,

A meu ver, a principal contribuição artística da década foi o surgimento da imagem apropriada - a apropriação de imagens com sentido e identidade estabelecidos, conferindo-lhes um sentido e uma identidade novos. Como qualquer imagem poderia ser apropriada, segue-se imediatamente que não poderia haver uniformidade estilística perceptual entre as imagens apropriadas (Danto, 2006, p. 18-19).

O autor destaca a prática da apropriação como uma grande contribuição da arte contemporânea e enfatiza a diversidade inerente a ela, já que ao selecionar uma imagem qualquer em um contexto qualquer, as possibilidades de combinações são altamente variadas. Portanto, a arte que resulta dessa prática conta com uma diversidade de estilo, aparência e significados.

A obra “Minha Bateria está Fraca e está ficando Tarde”, de Rubiane Maia (Caratinga, MG, 1979) com colaboração de Tom Nóbrega (Figura 8), utiliza uma grande quantidade de imagens apropriadas. No documentário com duração de 27 minutos, os artistas compartilham suas vivências na pandemia do Covid-19.

**Figura 8** - Rubiane Maia; “Minha Bateria está Fraca e está ficando Tarde”, 2020, documentário experimental, duração de 27 minutos, still de vídeo. Trabalho realizado em colaboração com Tom Nóbrega.



Fonte: Página do artista no site do Prêmio PIPA. Disponível em: <https://www.premiopi.com/pag/artistas/rubiane-maia-2/>. Acesso em: 11 jul. 2024.

No ano de 2020, Rubiane estava em Folkestone, na Inglaterra, e Tom em Tarapoto, no Peru. Ambos se viram impossibilitados de retornarem ao seu país natal, Brasil, por conta do fechamento das fronteiras. No frame retirado do vídeo (Figura 8), é possível identificar algumas imagens já existentes, agora recontextualizadas na obra, que representam a experiência dos artistas.

A partir desses elementos visuais, alguns assuntos ficam evidentes, como a interface de um computador ao fundo, quando a tecnologia foi uma das únicas maneiras de contato com o mundo exterior, se tornando cada vez mais um elemento presente no cotidiano das pessoas. Assim, a imagem do ex-Presidente do Brasil discursando, ilustra o poder da política e da mídia durante a pandemia. Por fim, a imagem da anatomia de uma cabeça humana pode representar a crise de saúde global e a fragilidade humana.

O documentário é uma demonstração impactante sobre os efeitos da pandemia no cotidiano individual e coletivo, além de promover críticas ao consumo sobrecarregado de informações que afetam a percepção de mundo. A obra convida o espectador a refletir acerca da influência desse grande volume de dados aos quais a sociedade está exposta diariamente.

A arte, em sua essência, transcende a estética da obra e se mostra um instrumento de transformação e reflexão, possibilitando novas perspectivas sobre conceitos preestabelecidos.

E para que serve a arte? Para começar, podemos dizer que ela provoca, instiga e estimula nossos sentidos, descondicionando-os, isto é, retirando-os de uma ordem preestabelecida e sugerindo ampliadas possibilidades de viver e de se organizar o mundo. A arte ensina justamente a desaprender os princípios das obviedades que são atribuídas aos objetos, às coisas. Ela parece esmiuçar o funcionamento dos processos da vida, desafiando-os, criando novas possibilidades. A arte pede um olhar curioso, livre de "pré-conceitos", mas repleto de atenção. (Canton, 2009c, p. 12).

Canton (2009c) reforça que a arte é uma ferramenta fundamental para questionar e ampliar a compreensão do mundo e promover um olhar mais crítico sobre a realidade. Nesse contexto, o artista Marcio Marianno (Santo André, SP, 1978) traz em suas obras o protagonismo da pessoa negra, onde representa sua própria imagem e também a relação com personagens do seu cotidiano.

O artista constrói suas pinturas a partir de fotografias que faz de si mesmo, representando nelas sua experiência e vivência como homem negro, além de situações que acredita serem comuns à pessoa negra como solidão, afastamento, pressão social.

**Figura 9** - Marcio Marianno; "100% Algodão", tríptico, 2017, óleo sobre tela, 30 x 20 cm cada.



Fonte: Página do artista no site do Prêmio PIPA. Disponível em: <https://www.premiopipa.com/marcio-marianno/>. Acesso em: 14 jul. 2024.

A obra “100% Algodão” (Figura 9) começa desafiando ideias tradicionais pela escolha de estrutura e técnica de pintura. O tríptico carrega consigo um peso histórico e tradicional na arte, muitas vezes associada à religião e narrativas sagradas, assim como o óleo sobre tela que reforça a tradição.

Nas três telas que compõem o tríptico, as mãos enluvadas de branco se destacam enquanto envolvem e sufocam o rosto do artista, representado na pintura. As luvas de algodão remetem ao manuseio de obras de arte e à branquitude do colonialismo, época também em que existia a colheita do algodão pelas mãos dos negros escravizados.

A luva representa a mão branca e, de acordo com o artista, refere-se à violência da sociedade que induz a pessoa negra a se violentar a partir do momento que nega seu nariz, sua boca, sua cor, se tornando uma ferramenta para o racismo estrutural. Essa é a problemática apontada por Marcio Marianno, além de dar ênfase, através de seu próprio corpo, na representação da figura do negro na pintura, uma vez que, historicamente, foram excluídos dessa modalidade.

Entende-se que as representações do cotidiano na arte contemporânea brasileira trazem uma combinação diversificada de questões sociais, culturais e políticas, bem como apenas a contemplação da vida diária. Segundo Danto,

E os artistas, liberados do peso da história, ficavam livres para fazer arte da maneira que desejassem, para quaisquer finalidades que desejassem ou mesmo sem nenhuma finalidade. Essa é a marca da arte contemporânea, e não é para menos que, em contraste com o modernismo, não existe essa coisa de estilo contemporâneo (Danto, 2006, p. 18).

A ausência de um “estilo contemporâneo” definido, como mencionado por Danto (2006) permite aos artistas transformarem o ordinário em extraordinário, explorando a banalidade do cotidiano em diferentes perspectivas. Essa liberdade criativa para reinterpretar a realidade é, sem dúvidas, uma das particularidades mais marcantes e valiosas da arte contemporânea.

Ao explorar o cotidiano em suas obras, os artistas contemporâneos brasileiros não apenas documentam a realidade, mas também a reinterpretam, propondo novas leituras e questionamentos sobre a sociedade. Este capítulo buscou destacar como essa produção artística aborda temas complexos, como identidade e memória,

reforçando o papel da arte como um instrumento de reflexão e conscientização cultural.

## 2 PERSPECTIVAS COTIDIANAS: A GRAVURA NO CONTEXTO DA PRODUÇÃO CONTEMPORÂNEA

Este capítulo apresenta o processo de produção das cinco gravuras que compõem a série “Perspectivas Cotidianas”, analisando como o cotidiano é capturado, transformado e reinterpretado através da técnica da gravura, destacando o papel vital que essas representações desempenham na construção de narrativas culturais e sociais.

Através de uma análise detalhada do processo criativo, desde a captura fotográfica das cenas cotidianas até a transposição dessas imagens para a técnica da gravura em metal, pretende-se demonstrar como essas obras dialogam com o contexto da produção artística contemporânea.

### 2.1 A GRAVURA NA ARTE BRASILEIRA

A gravura evoluiu significativamente ao longo do tempo, refletindo as transformações sociais, culturais e políticas do país. Inicialmente, a gravura no Brasil foi influenciada pelos estilos europeus, mas, com o passar do tempo, os artistas brasileiros começaram a desenvolver uma identidade própria, incorporando elementos da cultura local.

No século XX, a gravura brasileira ganhou destaque com a obra de artistas como Oswaldo Goeldi, que trouxe um caráter expressionista e introspectivo às suas criações. A partir dos anos 1950, movimentos como o modernismo e a abstração influenciaram profundamente a gravura no Brasil, levando à experimentação com novas técnicas e materiais.

**Figura 10** - Oswaldo Goeldi; Chuva, 1957, xilogravura, 24 x 31 cm.



Fonte: Registro fotográfico A. Caetano/Coleção Frederico Mendes de Moraes. Disponível em <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra34950/chuva>, Acesso em: 28 jul. 2024.

A obra de Goeldi (Figura 10) revela aspectos de nós mesmos que preferimos não encarar. Goeldi é um caso especial no contexto do modernismo. Enquanto seus contemporâneos se dedicavam às cores vibrantes e ao exotismo, ele se focava na solidão e no caos de um Rio de Janeiro desordenado e desestruturado, sem cair no sentimentalismo.

Ele encontrou uma forma de conviver com essas duras realidades, aceitando-as sem vitimismo ou conformismo. Sua visão é ao mesmo tempo poética e penetrante, oferecendo uma análise aguda da realidade.

Na arte contemporânea, a gravura continua a ser uma forma de expressão relevante e dinâmica. Artistas contemporâneos utilizam a gravura para abordar temas pessoais, sociais, políticos e ambientais, muitas vezes combinando técnicas tradicionais com abordagens inovadoras. A gravura, assim, não é apenas uma técnica artística, mas também uma ferramenta para a crítica e reflexão sobre a realidade brasileira.

**Figura 11** - Rafael Kenji; Mariposa de Ulysses, 2014, gravura em metal (água-forte, ponta seca e buril), 7,5 x 10 cm.



Fonte: Disponível em: <https://rafaelkenji.weebly.com/>, Acesso em: 28 jul. 2024.

Esta obra (Figura 11) integra a série de gravuras intitulada “Caminho e tempo”, que busca explorar e apreciar a memória de pequenos objetos guardados por diversas pessoas. Esses objetos foram encontrados durante caminhadas, viagens e no cotidiano, representando deslocamentos no espaço e no tempo.

São corpos frágeis recolhidos do chão, que servem como lugares de memória e vestígios, pequenos corpos que cabem na palma da mão, seguindo a forma mais natural e acessível de manuseio e transporte. As imagens foram gravadas em placas de metal a partir da observação direta, procurando manter a proporção de tamanho dos objetos.

Exposições e bienais de arte têm sido plataformas importantes para a divulgação da gravura contemporânea brasileira, permitindo que artistas emergentes apresentem suas obras ao lado de nomes consagrados. O uso de novas tecnologias também tem ampliado as possibilidades da gravura, permitindo a criação de obras híbridas que dialogam com outros meios de expressão artística.

Dessa forma, a série de gravuras, desenvolvida neste trabalho, surge como um exemplo prático dessa dinâmica, pois contribui para a discussão sobre a relevância da gravura no cenário atual e mostra como a técnica pode ser um meio poderoso para explorar e refletir sobre a realidade contemporânea. A série ilustra como a gravura continua a ser uma forma de expressão atual, mantendo-se relevante e dinâmica ao

dialogar com as transformações da vida cotidiana e com a evolução dos meios artísticos.

## 2.2 O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO ARTÍSTICO EM GRAVURA

No início da formação em arte da autora deste estudo, durante o período da pandemia de COVID-19, as aulas da graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul foram realizadas à distância, entre 2020 e 2021. Esse contexto permitiu estabelecer uma conexão significativa entre a prática artística e o cotidiano, integrando a experiência pessoal com o processo de aprendizagem e criação artística.

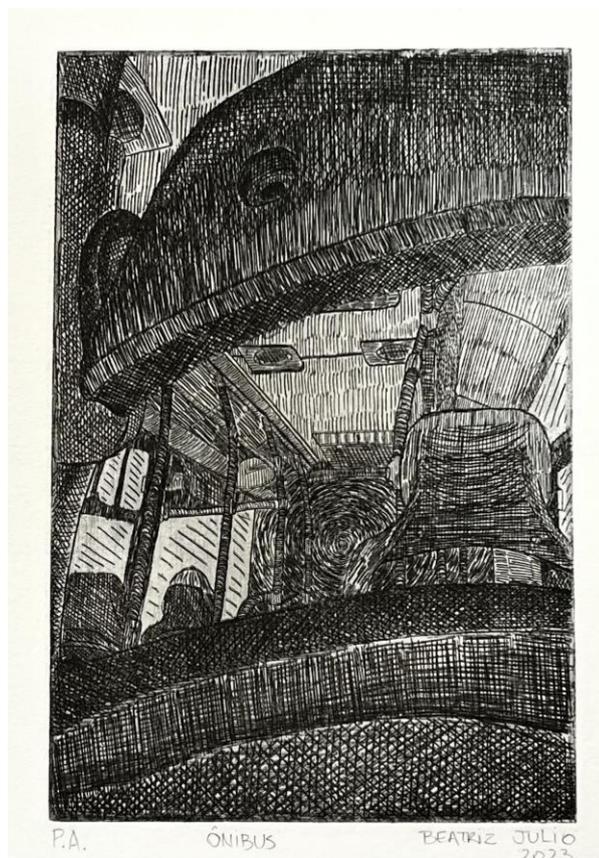
Nessa experiência, o ambiente doméstico tornou-se o principal cenário de inspiração, uma vez que as restrições de deslocamento limitaram o acesso a espaços externos, portanto a observação do cotidiano e a interação com objetos e momentos do dia a dia passaram a desempenhar um papel fundamental na expressão criativa.

Ao longo do primeiro ano da graduação, as atividades acadêmicas foram direcionadas para assuntos ligados ao ambiente próximo dos estudantes, sendo o contexto remoto um grande apoio a essa abordagem. A produção artística foi influenciada pela necessidade de explorar os elementos cotidianos presentes no convívio diário.

No retorno ao formato presencial na graduação, na elaboração dos exercícios práticos, houve o interesse da autora desta pesquisa, em continuar a se basear na exploração do cotidiano. Na disciplina de gravura em metal, foram produzidas três gravuras a partir de fotografias capturadas dentro dos ônibus durante os trajetos de ida e volta para a faculdade.

A primeira gravura (Figura 12) foi criada utilizando a técnica de água-forte. O processo começou com a aplicação de verniz sobre uma placa de cobre, na qual o desenho foi transferido. Em seguida, com o uso de uma ferramenta de ponta seca, os detalhes das linhas foram traçados na matriz. Posteriormente, através de repetidas exposições ao ácido, essas linhas foram gravadas na placa, resultando em uma escala gráfica cromática formada pelas interações entre as linhas e suas tramas.

**Figura 12** - Beatriz Julio; “Ônibus”, 2023, gravura em metal (água-forte), 15 x 10 cm.



Fonte: Foto de Beatriz Julio, 2024.

A gravura “Ônibus”, como o próprio nome afirma, representa o interior de um ônibus de transporte público, uma cena comum no cotidiano de muitos brasileiros. O ponto de vista escolhido mostra a perspectiva de um passageiro sentado, onde é possível identificar elementos como assentos, janelas e saídas de ar. O uso de linhas que atravessam a imagem em direções diferentes, tanto retas quanto curvas, criam o dinamismo visual da imagem.

Uma parte importante do cotidiano urbano é traduzida pela escolha do tema, uma vez que o ônibus é, para muitos, uma necessidade diária, símbolo de deslocamento e rotina. O espaço representado sugere uma reflexão sobre a convivência mútua da monotonia e experiência coletiva dentro desse espaço público compartilhado, oferecendo uma conexão com o mundo pessoal da artista, ao mesmo tempo em que se conecta com as experiências de outros, criando, assim, uma ideia de familiaridade.

De maneira similar, a segunda gravura também utilizou a técnica de água-forte, mas neste caso apenas para delinear os traços da imagem. As camadas, sombras e

contrastes foram desenvolvidos através da técnica de água-tinta, que permite criar manchas com diversas tonalidades, variando do branco ao preto.

Para isso, uma camada uniforme de resina natural em pó, conhecida como “breu”, foi aplicada sobre toda a placa. Em seguida, a placa foi aquecida, permitindo que a resina aderisse à superfície. Usando um pincel, o verniz foi aplicado nas áreas que deveriam permanecer brancas, e a placa foi mergulhada no ácido por alguns segundos. Este processo foi repetido quantas vezes necessário, aplicando o verniz e mergulhando a placa no ácido para gradualmente construir os tons de cinza. Após a conclusão de todas as etapas e a limpeza da placa, a imagem estava pronta para a impressão.

A gravura “Companhia” (Figura 13) mostra uma vista de cima de dois pares de pés, sugerindo a presença de duas pessoas sentadas lado a lado. Nela, é possível identificar que a cena se passa, mais uma vez, dentro de um ônibus. A perspectiva aérea sugere que a imagem é a visão da pessoa de tênis preto, dentro da gravura, e traz, implicitamente, uma proximidade e interação física entre as duas pessoas.

**Figura 13** - Beatriz Julio; “Companhia”, 2023, gravura em metal (água-forte e água-tinta), 10 x 15 cm.



Fonte: Foto de Beatriz Julio, 2024.

O título do trabalho sugere o foco nessa relação de intimidade, em contraste com a primeira gravura, indo além da simples representação de uma cena cotidiana e capturando um momento de conexão humana em meio a agitação do dia a dia. Assim,

“Companhia” adiciona essa possibilidade de reflexão sobre as interações humanas no cotidiano.

A série é finalizada com a gravura “Apoio” (Figura 14), que explora a dimensão coletiva e individual da experiência cotidiana. O título “Apoio” refere-se ao copo apoiado no suporte do ônibus, que está centralizado na cena. Esse ato pode ser visto como uma consequência da rotina diária, com gestos que se tornam hábitos e, inevitavelmente, se envolvem na experiência coletiva do transporte público.

**Figura 14** - Beatriz Julio; “Apoio”, 2023, gravura em metal (água-forte e água-tinta), 15 x 10 cm.



Fonte: Foto de Beatriz Julio, 2024.

A composição, mesmo focada no copo, leva o espectador ao lado esquerdo da imagem através do dinamismo criado pela perspectiva. A figura humana em destaque mostra uma mulher no assento, utilizando óculos escuros e fones de ouvido, o que sugere um momento de isolamento ou introspecção.

A série combina habilidade técnica com uma representação significativa do cotidiano. A escolha do tema e a execução destacam a possibilidade de transformar

cenar comuns em arte, convidando à reflexão. No contexto deste trabalho acadêmico, as peças contribuem de maneira substancial para a discussão sobre identidade, memória e as nuances da vida diária na arte.

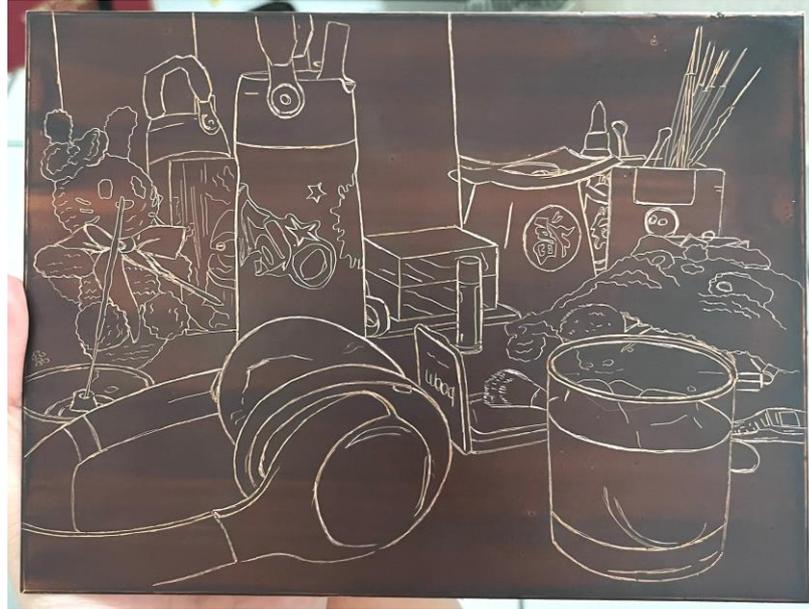
### 2.3 SÉRIE PERSPECTIVAS COTIDIANAS

Para a finalização deste trabalho, a série “Perspectivas Cotidianas” foi desenvolvida em 5 gravuras, de tamanho 15x20 cm, baseadas em fotografias do cotidiano. As fotografias foram pensadas para retratar a rotina diária da autora enquanto artista contemporânea e jovem universitária, se preocupando em trazer elementos chave que possam transmitir esses sentimentos.

Cada gravura representa um dia da semana, entre segunda e sexta-feira, com objetos que se repetem em cada cenário a fim de conectá-los uns aos outros. Fone de ouvido, xícara de café, caderno, incensário e hidratante labial são itens que se tornam familiares ao longo da série, e foram posicionados estrategicamente nas fotografias em que aparecem.

O processo foi o mesmo para cada matriz. Uma vez que os objetos foram enquadrados e fotografados em cada cenário, os traços principais da imagem foram passados para a placa de cobre já preparada com verniz. Com uma ponta seca, foram traçados os contornos e detalhes de cada objeto para o primeiro banho no ácido, com a técnica de água-forte (Figura 15).

**Figura 15** - Matriz de cobre com verniz para a técnica de água-forte.



Fonte: Foto de Beatriz Julio, 2024.

Após a retirada do verniz, foi feita a aplicação do breu e se iniciou o processo da água-tinta (Figura 16), utilizando a goma laca para a criação dos diferentes tons de cinza.

**Figura 16** - Processo de aplicação de goma laca, na placa de cobre, para a técnica de água-tinta.



Fonte: Foto de Beatriz Julio, 2024.

Para a primeira gravura, intitulada “segunda-feira”, o cenário escolhido foi uma mesa de café da manhã para simbolizar o início da semana (Figura 17). Entre os

elementos presentes estão um caderno com anotações, uma xícara de café, uma fruteira e um estojo. Além disso, o fone de ouvido, incensário e hidratante labial foram os objetos utilizados na conexão de cada obra da série.

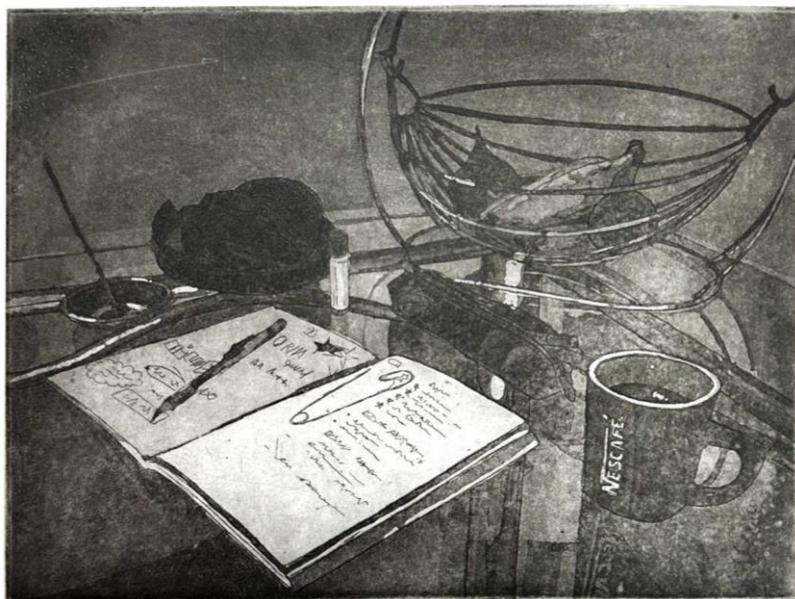
**Figura 17** - Fotografia produzida para referência da gravura “segunda-feira”.



Fonte: Foto de Beatriz Julio, 2024.

Íntima e rotineira, a gravura (figura 18) explora a rotina matinal a fim de reproduzir cenas ordinárias e transformá-las em narrativas visual que transcendem o simples registro do cotidiano.

**Figura 18** - Beatriz Julio; “segunda-feira”, 2024, gravura em metal (água-forte e água-tinta), 20 x 15 cm.

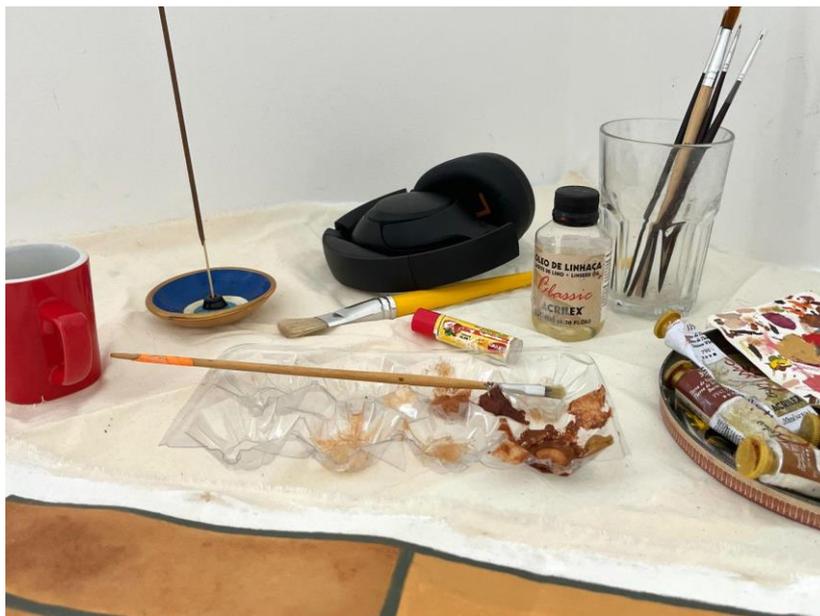


Fonte: Foto de Beatriz Julio, 2024.

A disposição dos objetos na mesa não apenas reflete hábitos matinais, mas também carrega simbolismos: o caderno sugere planejamento e introspecção, enquanto o café, símbolo universal do início do dia, reforça a ideia de ritual. Por fim, "segunda-feira" funciona como uma introdução à poética do cotidiano que perpassa todo o trabalho.

O cenário da segunda gravura da série (Figura 19), "terça-feira", retrata uma mesa de trabalho com materiais de pintura, capturando a essência do processo criativo. Mesmo com elementos que reforçam a ideia da pintura, os objetos cotidianos se repetem, como por exemplo o fone de ouvido.

**Figura 19** - Fotografia produzida para referência da gravura "terça-feira".



Fonte: Foto de Beatriz Julio, 2024.

A gravura "terça-feira" (Figura 20) destaca a intimidade do ato de criar, representando uma cena de trabalho que explora o vínculo entre o cotidiano e o processo artístico. A mesa, preenchida por pincéis e tintas, evoca o ambiente de produção como um espaço de experimentação e expressão pessoal. Elementos como o fone de ouvido e outros objetos recorrentes reforçam a continuidade temática da série, conectando momentos distintos do cotidiano.

**Figura 20** - Beatriz Julio; "terça-feira", 2024, gravura em metal (água-forte e água-tinta), 20 x 15 cm.

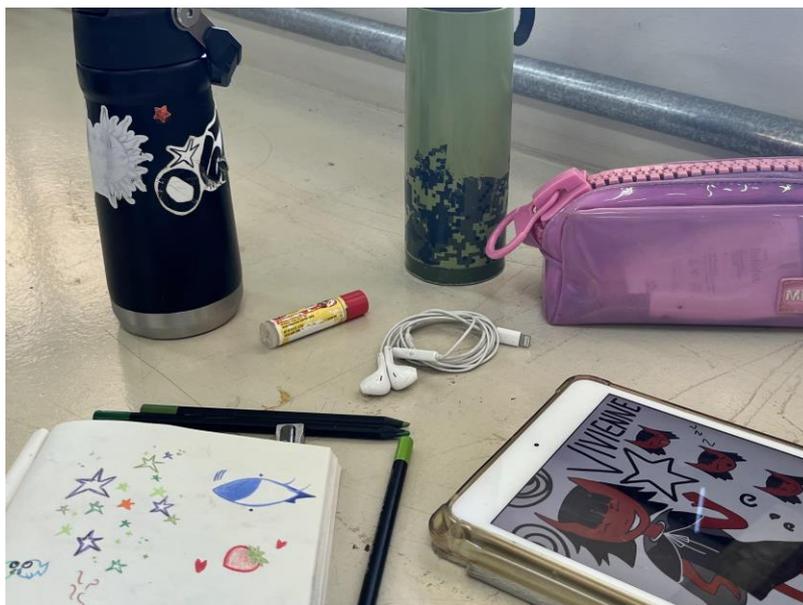


Fonte: Foto de Beatriz Julio, 2024.

A obra traduz o ordinário como um ponto de partida para a construção de uma identidade artística. Ao registrar o espaço íntimo do trabalho, a gravura transcende sua função estética, estabelecendo um diálogo com a memória e o processo de autoconhecimento no contexto da arte contemporânea.

A terceira gravura representa um momento de pausa na rotina, capturando um encontro com uma amiga (Figura 21). Os elementos dispostos sobre a mesa, como um caderno decorado com desenhos simples (estrela, peixe e corações), um estojo transparente, um fone de ouvido, um isqueiro, uma garrafa e um celular, sugerem um ambiente descontraído e familiar.

**Figura 21** - Fotografia produzida para referência da gravura “quarta-feira”.



Fonte: Foto de Beatriz Julio, 2024.

Mais do que um registro visual, a gravura (Figura 22) carrega um significado simbólico. A composição traduz a intimidade dessa interação cotidiana, destacando objetos que remetem ao ato criativo e à troca de ideias. A técnica utilizada evidencia traços delicados e uma variação de texturas que conferem profundidade e realismo à cena.

**Figura 22** - Beatriz Julio; “quarta-feira”, 2024, gravura em metal (água-forte e água-tinta), 20 x 15 cm.



Fonte: Foto de Beatriz Julio, 2024.

Esse momento de pausa e criação em conjunto mostra como pequenos gestos e interações do dia a dia podem ser transformados em narrativas poéticas. Assim, "quarta-feira" vai além da representação do cotidiano, enfatizando a troca criativa e conexão interpessoal.

A fotografia de referência (Figura 23) para a gravura "quinta-feira" captura um momento de reunião de trabalho entre duas pessoas, onde objetos pessoais e materiais funcionais se destacam sobre a mesa. A imagem revela uma interação colaborativa, evidenciada pela disposição de itens como cadernos e outros acessórios de uso cotidiano.

**Figura 23** - Fotografia produzida para referência da gravura "quinta-feira".



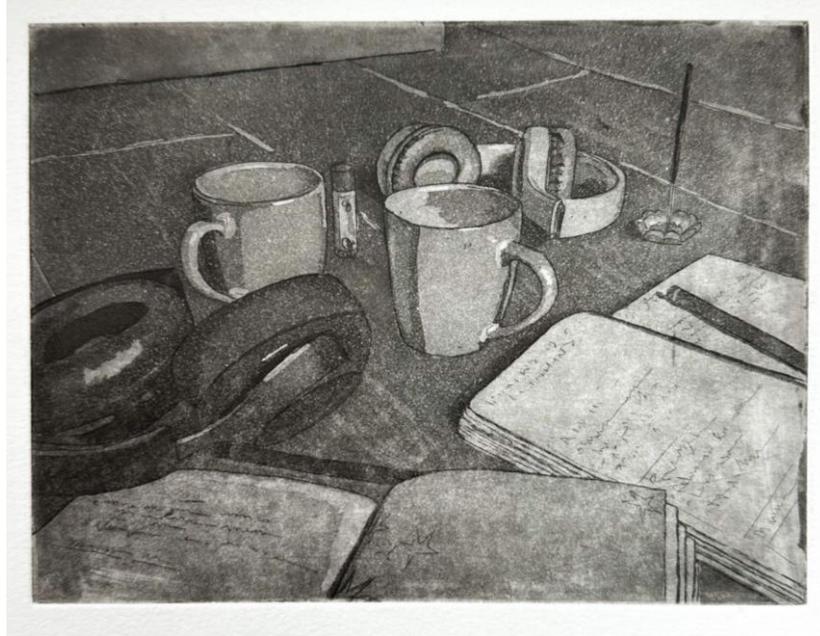
Fonte: Foto de Beatriz Julio, 2024.

Há uma mudança sutil nos elementos recorrentes das outras gravuras, destacando o incensário, que foi substituído por um equivalente pertencente à segunda pessoa presente na cena. A inclusão de um segundo fone de ouvido e mais um caderno reforça a ideia de colaboração e troca, elementos centrais no momento retratado.

Essas adições contribuem para criar uma narrativa que explora a convivência e o compartilhamento de espaços e ideias, enriquecendo a abordagem do cotidiano como um espaço de interação e criatividade.

Ao misturar elementos constantes com variações contextuais, a gravura “quinta-feira” (Figura 24) sugere a coexistência entre a rotina e a flexibilidade das interações humanas. A composição dialoga com a repetição das atividades diárias e o uso de elementos pessoais, reforçando o caráter autorreferencial do trabalho no contexto da produção contemporânea.

**Figura 24** - Beatriz Julio; “quinta-feira”, 2024, gravura em metal (água-forte e água-tinta), 20 x 15 cm.



Fonte: Foto de Beatriz Julio, 2024.

Na última obra da série, a fotografia para a gravura “sexta-feira” (Figura 25), traz uma composição rica em elementos que capturam a atmosfera de intimidade de um momento de preparação, marcando o encerramento da semana com um tom de celebração.

**Figura 25** - Foto de referência para a gravura “sexta-feira”.



Fonte: Foto de Beatriz Julio, 2024.

Apesar disso, a gravura “sexta-feira” (Figura 26), preserva a coerência visual e conceitual da série ao incluir objetos recorrentes, como o fone de ouvido, o hidratante labial e o incensário. Esses itens, que atravessam todas as gravuras, criam uma continuidade simbólica, remetendo ao cotidiano da artista. A presença ampliada de novos elementos enfatiza o caráter mais festivo e multifacetado dessa cena específica.

**Figura 26** - Beatriz Julio; “sexta-feira”, 2024, gravura em metal (água-forte e água-tinta), 20 x 15 cm.



Fonte: Foto de Beatriz Julio, 2024.

A sexta-feira, para muitos, é o ponto culminante da semana de trabalho, e nesta gravura, ela simboliza a liberdade, o alívio e a possibilidade de desconectar-se da rotina intensa do dia a dia. No entanto, essa desconexão não significa uma ausência de criação, mas uma mudança de perspectiva, onde a rotina e a arte se intercalam, mesmo nos momentos de lazer. A cena se torna um reflexo da forma como o cotidiano e a arte se entrelaçam de maneira contínua e imutável.

No desenvolvimento da série de gravuras "Perspectivas Cotidianas", o processo criativo foi essencial para a construção de narrativas visuais que pudessem traduzir experiências diárias. O foco em cenas cotidianas, como a mesa de café da manhã ou o momento de criação na pintura, explora a possibilidade da gravura como meio de imersão na memória e na identidade pessoal, criando uma ponte entre o ordinário e o poético.

Cada gravura, com seu conteúdo simbólico e a escolha de objetos presentes no cenário, enfatiza a singularidade de momentos diários que constroem a vida de todos. Através de uma abordagem autorreferencial, a proposta é uma reflexão sobre a memória e a construção da arte no contexto da produção contemporânea.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo investigar a representação do cotidiano na arte contemporânea brasileira, particularmente no que tange às suas relações com os temas de identidade, memória e sociedade. A pesquisa partiu da premissa de que, ao retratar o cotidiano, os artistas contemporâneos não apenas documentam o ordinário, mas também criam uma reflexão crítica sobre as dinâmicas sociais e culturais que permeiam as experiências humanas.

A análise das produções artísticas contemporâneas, especialmente aquelas que se destacam no Prêmio PIPA, revelou que a representação do cotidiano é um campo fértil para o questionamento de normas estabelecidas e para a promoção de novas perspectivas sobre o que é considerado comum ou trivial. Os artistas, ao integrar elementos de suas realidades sociais, desafiam os limites da arte e abrem espaço para interpretações mais complexas, que abarcam não apenas questões estéticas, mas também questões sociais e políticas.

Neste sentido, o referencial teórico adotado, com contribuições de autores como Certeau (2014), Danto (2006) e Canton (2009), foi fundamental para embasar a reflexão sobre como o cotidiano pode ser usado como ferramenta para construir narrativas de identidade e memória, além de evidenciar a relação entre as práticas culturais e as representações artísticas. A pesquisa também se pautou em um estudo da produção artística contemporânea brasileira, demonstrando a diversidade de linguagens e técnicas que os artistas têm utilizado para abordar o cotidiano de forma inovadora e crítica.

A produção prática, representada pela série de gravuras "Perspectivas Cotidianas", permitiu não apenas uma análise das questões discutidas ao longo do trabalho, mas também a experimentação de um processo criativo que uniu fotografia e gravura. Este trabalho prático não só reafirma a relevância do cotidiano como um campo de exploração artística, mas também oferece uma contribuição concreta para a discussão sobre as dinâmicas sociais que o envolvem.

As reflexões e as obras aqui discutidas mostram que a arte contemporânea brasileira continua a desempenhar um papel central na construção de uma cultura visual crítica e consciente. As representações do cotidiano, mais do que uma simples documentação, são formas de resistência, questionamento e reflexão sobre as transformações sociais, políticas e culturais. Ao integrar teoria e prática, esta pesquisa

contribui para um entendimento mais amplo e aprofundado da arte contemporânea brasileira, além de fortalecer a percepção da arte como uma ferramenta de diálogo e transformação social.

Em conclusão, espera-se que este estudo inspire novos olhares sobre a produção artística atual e sua capacidade de engajar o público em uma reflexão contínua sobre as questões que moldam as vidas cotidianas, reforçando a arte como um veículo essencial para a compreensão e a crítica das realidades sociais contemporâneas.

## REFERÊNCIAS

- BACKES, Lúcia Jacinta da Silva; DE OLIVEIRA, Tatiane dos Passos. **O cotidiano como disparador de processos de criação e ação artísticas: Chá de Arte**. 28º Seminário Nacional de Arte e Educação e 9º Encontro de Pesquisa em Arte - ISSN 2359-6120 (online), [S. l.], v. 26, n. 26, p. 547–551, 2018. Disponível em: <https://www.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/article/view/619>. Acesso em: 14 jul. 2024.
- BERGER, J. **Modos de Ver**. Rocco. Rio de Janeiro, Rocco, 1999.
- CANTON, Kátia. **Do Moderno Ao Contemporâneo**. 1ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes Ltda., 2009a.
- CANTON, Kátia. **Narrativas enviesadas**. 1ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes Ltda., 2009b.
- CANTON, Kátia. **Tempo e Memória**. 1ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes Ltda., 2009c.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- DANTO, Arthur C. **Após o fim da arte: a arte contemporânea e os limites da história**. Tradução de Saulo Krieger. São Paulo: Odysseus, 2006.
- FREDERICO, Celso. **Cotidiano e arte em Lukács**. Estudos Avançados, v. 14, n. 40, p. 299–308, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/Ndyv5j6syh5xXBkLjN3Wmws/>. Acesso em: 16 abr. 2024.
- GULLAR, Ferreira. **Arte contemporânea brasileira**. Editora Lazuli LTDA, 2017.
- HERNANDEZ, F. **Catadores da Cultura Visual: propostas para uma nova narrativa educacional**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2007.
- IPANEMA, Rogéria Moreira de. **Arte da imagem impressa : a construção da ordem autoral e a gravura no Brasil do século XIX**. 2007. 252 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/26427>. Acesso em: 24 jul. 2024.
- LUKÁCS, G. **Estética**. v. I. Barcelona: Ed. Grijalbo, 1974.
- PONTES, Rodolfo Rodrigues; COSTA, Adeilma Casado da; CARNEIRO, Isabel Almeida. **Ensino da arte e da cultura visual: o cotidiano como prática artística**. Revista Apotheke, Florianópolis, 2023. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/23974>. Acesso em: 15 abr. 2024.
- PRÊMIO PIPA. **Catálogo Prêmio PIPA 2020**. Disponível em: <https://www.premiopipa.com/catalogos-e-livro/>. Acesso em: 04 abr. 2024.

PRÊMIO PIPA. **Catálogo Prêmio PIPA 2021**. Disponível em:  
<https://www.premiopipa.com/catalogos-e-livro/>. Acesso em: 04 abr. 2024.

PRÊMIO PIPA. **Catálogo Prêmio PIPA 2022**. Disponível em:  
<https://www.premiopipa.com/catalogos-e-livro/>. Acesso em: 14 abr. 2024.

PRÊMIO PIPA. **Catálogo Prêmio PIPA 2023**. Disponível em:  
<https://www.premiopipa.com/catalogos-e-livro/>. Acesso em: 16 abr. 2024.

ZAGONEL, Bernadete. **Artes na educação escolar**. Curitiba: Ibpex, 2008.